

J. Gomes Canotilho Renovar os ideais democráticos
Ensaio PÁGINAS 26 E 27

**JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS**

JL

Ano XXXV • Número 1177 • De 11 a 24 de novembro de 2015
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

Fonseca e Costa (1933-2015)
Cinema e liberdade

Texto de Ana Margarida Carvalho PÁGINAS 6 E 7

Os Delaunay na Gulbenkian
Um círculo de cor PÁGINAS 20 E 21

Maria Manuel Mota
A Autobiografia da cientista PÁGINA 32

Helder Macedo

A múltipla excelência

Ao chegar aos 80 anos lança um novo livro, sai uma sua antologia de versos, é homenageado na Universidade de Oxford. A obra e percurso do professor, ensaísta, ficcionista e poeta em entrevista, em textos de Margarida Calafate Ribeiro e Maria Irene Ramalho e na opinião de Philip Rothwell

PÁGINAS 8 A 13

JL/Educação

**David Justino fala do Estado
e do futuro da Escola**

Agenda Cultural • Camões

**As Aparições de Fátima
segundo
José Luís Peixoto**

Entrevista. Crítica de Miguel Real

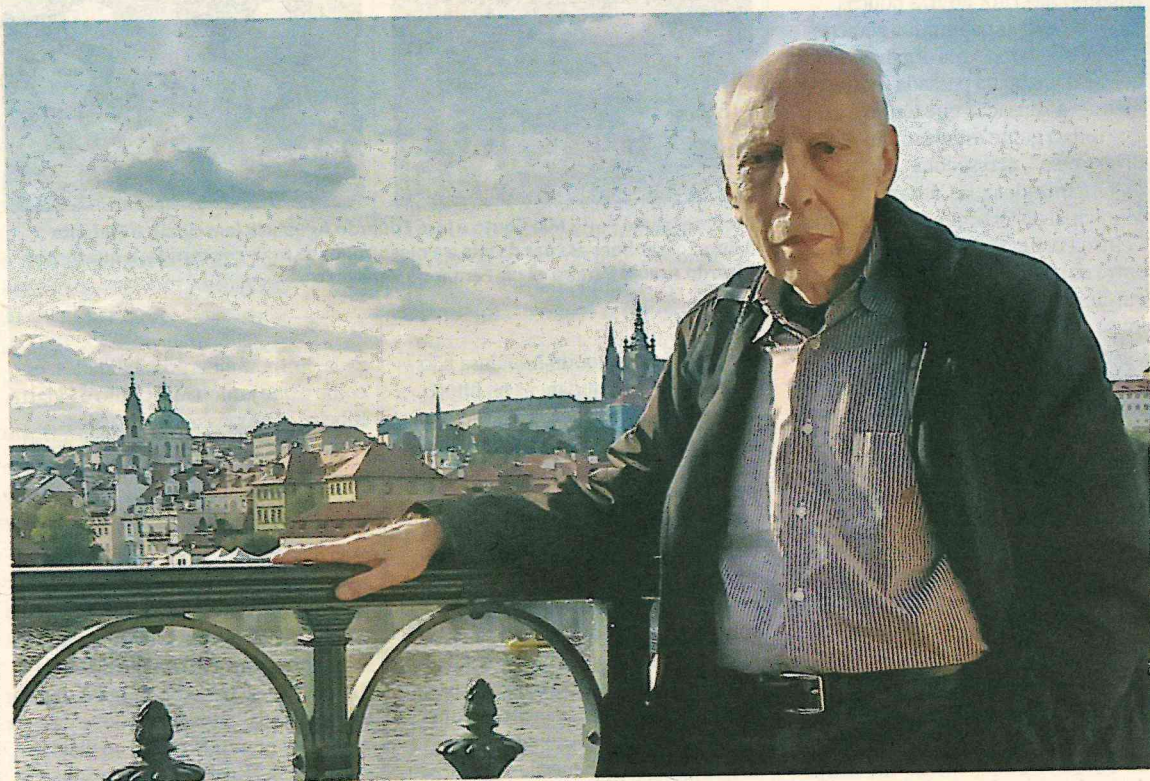
PÁGINAS 14 A 15



► HELDER MACEDO ◀

Mais de meio século de (boa) literatura, uma brilhante carreira universitária, a partir de Londres, décadas de serviço à cultura portuguesa: ao completar 80 anos, Helder Macedo é homenageado na Universidade de Oxford a 28, e hoje mesmo, 11 (às 18 e 30, na Fundação José Saramago) são lançados dois livros de versos seus, um deles um novo longo poema. O JL também 'brinda' ao escritor, professor, cidadão, nosso cronista, com a coluna *Pretextos*, dedicando-lhe este tema. A abrir uma entrevista sobre os novos livros e todo o seu percurso, antecipando um fragmento de *Romance*. Seguem-se textos de duas (re)conhecidas universitárias que com ele trabalharam, Margarida Calafate Ribeiro e Maria Irene Ramalho, e uma entrevista com Phillip Rothwell, titular da cátedra de Estudos Portugueses daquela universidade, profundo conhecedor (e tradutor) da sua obra, e principal organizador da homenagem

Tão longa a vida...



Helder Macedo (em Praga) "Os grandes clássicos estão sempre em nós. Não como foram, mas como são. Mas temos de encontrar as palavras novas, as nossas palavras, as palavras de hoje nas palavras deles"

Maria Leonor Nunes

A

A idade será respeitável, a sua obra e vida muito mais. Não faltam razões para celebrar: Helder Macedo, poeta, ficcionista, ensaísta, cronista, investigador, professor jubilado, faz 80 anos a 30 de Novembro. A assinalá-lo uma homenagem na Universidade de Oxford, a 28. E o lançamento de dois livros, *Romance*, um longo poema, em "forma nova", com uma ligação assumida à tradição literária portu-

guesa, "uma obra de risco", edição Presença; e uma antologia da sua poesia, *Resta ainda a face*, coordenada por Paulo José Miranda, edição Abysmo, com apresentação conjunta hoje, quarta-feira, 11, no auditório da Casa dos Bicos, Fundação José Saramago.

A poesia é, de resto, o seu "pecado original". Publicou o primeiro livro de poemas, *Vesperal*, com 21 anos, em 1957, a que se seguiram *Das Fronteiras*, *Viagem de Inverno* ou, mais recentemente, em 2011, a coletânea *Poemas novos e velhos*. A ficção surge mais tarde na sua bibliografia, em 1991, com *Partes de África*, um "romance de reconciliação", em que de alguma maneira acerta contas com o país colonial e a existência andarilha da sua infância. Nasceu na África do Sul, em 1935, viveu depois em Moçambique, Guiné e S. Tomé,

demandando a 'capital do reino' já com 13 anos. Lisboa é a cidade da sua adolescência, África a paisagem da sua infância, Londres, onde vive há décadas, o lugar da idade adulta, segundo o 'mapa' que traça da sua existência. Publicaria mais cinco romances: *Pedro e Paulo*, *Vícios e virtudes*, *Sem nome*, *Natália* e *Tão longo amor, tão curta a vida*.

E longo é o seu amor à Literatura. Começou por estudar Direito, nos anos 50, fez parte do grupo surrealista do Café Gelo, em Lisboa. Envolveu-se na luta contra a ditadura, tendo sido perseguido, censurado, preso. Acabaria por exilar-se em Londres, nos anos 60. Aí, licenciou-se em História e Literatura, com uma tese sobre Bernardim Ribeiro, mais tarde fez o doutoramento sobre Cesário Verde. Dois autores, com quem manteve um intenso 'diálogo'

ensaístico - e as quais acrescentaria Camões. É um camoniano de referência, tendo publicado, entre outros ensaios: *Do Significado Oculto da Menina e Moça*, *Camões e a Viagem Inicidática*, *Cesário Verde: O Romântico e o Feroz*, *Trinta leituras e Viagens do Olhar: Retrospeção, Visão e Profecia no Renascimento Português* (com Fernando Gil). Colaborador da BBC durante algum tempo, foi docente do King's College a partir de 1971, aí dirigindo o departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros e sendo titular da cátedra Camões, entre 1981 e 2004.

Após o 25 de abril, voltou a Portugal para viver a "festa" da revolução. Foi diretor-geral de Espetáculos, em 1975 - e secretário de Estado da Cultura do governo de Maria de Lourdes Pintasilgo, em 1979, tendo então lançado a 'primeira pedra' da criação de um Museu de Arte Contemporânea no Porto, aquele que viria a ser o Museu de Serralves, e decidido a aquisição do edifício da Cinemateca.

Além do King's College, lecionou ainda em Harvard, nos Estados Unidos, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em França e noutras universidades no Brasil. Presidiu também a Associação Internacional de Lusitanistas e dirigiu a sua revista *Veredas*. Uma intensa atividade cultural e literária agora recordada e homenageada. Porém, Helder Macedo, que é homem de gratidão, mas pouca nostalgia, sente-se "ofendidíssimo", como diz com a sua habitual ironia, com a 'partida' de completar oito décadas, e declara-se ainda em "work in progress". "Depois de viver tanto tempo, só posso morrer ou recomeçar", diz ainda com sagacidade. E é garantido: recomeça, sempre. Porque o seu romance, o seu verso, a sua palavra é vida. Tchim, tchim!

“

Feliz literatura, como a nossa, que tem um Camões. Infeliz cultura, que se esquece disso, como cada vez mais a nossa

Jornal de Letras: Como surgiu este *Romance*?

Helder Macedo: Não sei bem, essas coisas nunca se sabem exatamente, acontecem. Talvez uma imagem visual, como num sonho. Uma autoestrada. Duas pistas paralelas em direções opostas. E alguém entre elas. Uma jovem mulher. Talvez ainda adolescente. Ao longe não dava para ver. Quase ainda uma criança, a olhar o futuro em direções opostas ao mesmo tempo. Mas não foi um sonho meu, foi como um sonho que alguém me tivesse contado. Ou nem sequer um sonho, poderia ter sido que houvesse uma rapariga que costumava ir para o meio de uma autoestrada a ver os carros a passarem em direções opostas. E que me tivesse contado..

Desde logo escreveu-o como um longo poema? Foi o fio da narrativa que puxou a forma?

De início, resultou num pequeno conto. Que pensei que poderia ser o primeiro capítulo de um romance. Mas depois percebi que não. Que o romance era um poema. Em que não se soubesse quem sonhava o quê, quem sonhava quem. Ou quem fazia o quê, quem fazia a quem. Como se fosse uma história de amor encontrada no perdê-la. Entre o futuro e o passado, sem presente. Uma espécie de fantasmagoria, em suma. Com corpos tangíveis. A viverem as suas vidas.

Mas fala também de fronteiras, cidades ocupadas, violência, guerra, um pai refugiado ou fugitivo retido na passagem. Não é o presente mundo que se avista em todas as direções? Sim, este é um livro sobre o tempo presente. Mas um tempo presente - um presente mundo - que só se avista à distância, que vai chegando em fragmentos, em ecos só parcialmente inteligíveis. Como aliás é sempre o tempo presente.

'Reencontrou-se' com Bernardim Ribeiro para a escrita deste *Romance*? Porque escolheu o nome de um dos livros dele para o seu poema?

O Bernardim escreve sobre corpos que são almas, não é? Talvez por isso. E fala de rios que são como estradas. Com pedras no meio, a separar as águas de si próprias. Há escritores que são parte do meu imaginário. O Bernardim é um deles. E escreveu aquele longo poema, "Ao longo da ribeira", designado como "Romance".

PRÉ-PUBLICAÇÃO Romance (fragmento)

[.....]
dos obscuros mitos sem retorno
mas não
não devia ter rido
não deveria ter entrado no banho
porque sim
ela era uma casta predadora
a olhar em direcções opostas
ao mesmo tempo
como a moça menina
que no sonho era quem ela
não seria
dizia que olhava
para ver os carros a cruzarem-se
em direcções opostas ao mesmo
tempo
numa estrada
como um rio de águas contrárias
a si próprias
sem antes nem depois
naquele tempo de tumultos
de patrulhas
de cães enraivecidos
prisioneiros acorrentados
guardas armados a aguardar
na fronteira
o pai da menina
que nunca chegou

e os ruídos dos tumultos
a chegarem
abafados
à ilha
entre as águas cruzadas
os carros as sirenes as patrulhas

as vozes de comando
o ladrar dos cães
os gemidos cada vez mais ao longe
tornados parte do silêncio
da noite
naquele jardim
naquela rocha
naquela ilha
naquele lago soterrado
a querer ser fonte
e um caçador transformado em caça
a espreitá-la no banho
a querer ser ela
sem antes nem depois
só antes e depois
a ser devorado
antes e depois
pelos seus próprios cães
submerso na fonte
debaixo dum lago

até ela poder adormecer
aspirando o perfume
do seu próprio corpo
como areia quente
sabendo bem demais
que nunca poderia amar alguém
que não fosse
ela própria
em corpo alheio
e que não havia quem a pudesse
amar assim
nunca haveria quem ela assim
pudesse amar
[.....]

É uma referência.

Bernardim, uma das suas afinidades eletivas, além de um constante objeto de estudo, já que fez logo a tese de licenciatura sobre a sua obra. Bom, sim, mas este meu poema não é uma tese... Não estou a fazer análise literária. Mas há um diálogo implícito. Ou não exatamente um diálogo, já que ele não está onde possa responder. Estou vivo e ele está morto. Eu sou de agora, ele é de então. A obra dele é parte de mim.

O que encontra de tão sedutor nessa obra?

Ah, tantas coisas! Aquela espantosa capacidade de articular opostos, como se numa continuidade desejada. E ser uma obra inconclusiva, terminada a meio de uma frase, como a vida. Talvez involuntariamente, como a vida.

Curiosamente, o seu anterior romance tomava o verso de Camões para o título, *Tão longo amor, tão curta a vida*.... Está tudo nos clássicos da literatura portuguesa?

Os grandes clássicos estão sempre em nós. Não como foram, mas como são. Mas não, não está tudo neles. Eles é que estão em tudo, se olharmos com atenção. Mas temos de encontrar as palavras novas, as nossas palavras, as palavras de hoje nas palavras deles. Seremos absolutamente modernos, como eles foram e, portanto, continuam a ser. Mesmo quando fingiam

ser antigos, como Camões. Que usou uma linguagem tradicional para transformar a tradição.

Camões ainda o espanta, depois de uma tão longa convivência ensaística? Sim, claro. A cada releitura. Sempre novas portas abertas onde não havia portas. Feliz literatura, como a nossa, que tem um Camões. Infeliz cultura, que se esquece disso, como cada vez mais a nossa.

RISCO E TRADIÇÃO

Voltemos a *Romance*. De alguma maneira ele faz a síntese das inquietações da sua escrita?

Não diria que a síntese, mas certamente manifesta essas inquietações. Embora numa forma diferente. É diferente de tudo quanto tenho escrito, em ficção e poesia. Diferente do que se está hoje em dia a escrever. É uma obra de grande risco, numa forma nova, que ao mesmo tempo remete para uma tradição literária conscientemente assumida. Que eu saiba, não há nada de parecido no que atualmente se está a escrever. O que não é necessariamente uma virtude, é claro. É sempre mais seguro seguir os caminhos já trilhados. Mas sim, creio que retoma temas recorrentes nos meus livros anteriores, tanto na ficção quanto na poesia. Talvez até mais na ficção do que na poesia.

E há em *Romance* um 'jogo' de espelhos entre poeta e narrador, entre

escritor e as vozes da literatura, entre a dimensão do sonho, da memória, da realidade?

Precisamente. Se funciona ou não, os leitores dirão. Na minha obra de ficção, uso muitas vezes as técnicas literárias associadas à poesia. Cesuras. Silêncios. Corte e montagem, correspondências. Aqui faço o mesmo, de maneira diferente. Faço articulações de recorrências inter-relacionadas. Dizendo coisas diferentes, por vezes com as mesmas palavras. Mas como as palavras são as mesmas, as inter-relações sobrepõem-se às diferenças.

A ficção demorou mais na sua escrita ou pelo menos foi mais tardia a publicação. Porquê?

A publicação da minha ficção foi de facto tardia. Mas não a escrita. Escrevi um romance, uma novela e vários contos nos anos 1960. Não puderam ser publicados em Portugal. Eram políticos, eram violentos, eram sexualmente explícitos. E havia a Censura. Quando puderam ser publicados, depois do 25 de Abril, já não fazia sentido publicá-los. Tinham as qualidades dos seus defeitos e os defeitos das suas qualidades... O que então procurei dizer em ficção era o que não se podia dizer.

Partes de África era um romance que tinha que escrever?

Tem, por outro lado, um empenho biográfico...

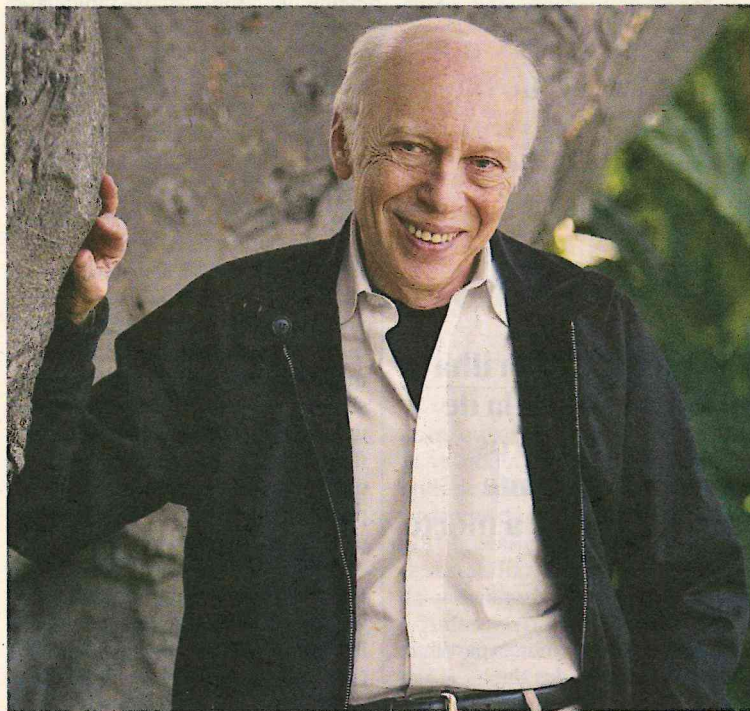
Sim, há nele uma construção biográfica – e um fio condutor explicitamente autobiográfico – mas muitas vezes o que nele se apresenta como factual é fictício e o que parece fictício é factual. Em suma, é um romance. Se tinha de o escrever? Depois de o ter escrito senti que sim. Que me libertou do passado. Precisamente por ser um romance de reconciliação.

Alguns dos seus romances o desafiou particularmente? Qual merece a sua preferência?

Todos os meus romances começam por ser um desafio. Quando começo, nunca sei o que vai acontecer. Só o início, o ponto de partida. O desafio é esse. Talvez por isso, o que prefiro é sempre o mais recente. Ou seja, de momento o último, *Tão Longo Amor Tão Curta a Vida*. E também porque é um livro em que procuro desnudar os mecanismos da ficção. Aliás nesse aspeto tem algo de complementar com *Partes de África*. Mas na verdade não sei qual é o que prefiro. Creio que o que me deu mais prazer escrever foi *Pedro e Paula*..

MORRER OU RECOMEÇAR

Costuma dizer que a prosa lhe serve para conhecer os outros e a poesia a si mesmo. Confirmou-o com este *Romance*?



Helder Macedo "A poesia é como o pecado original. Fica para sempre"

Creio que é um romance a fazer contas com o passado da perspetiva de um futuro ainda indefinido. Talvez por isso há quem o considere o primeiro romance português genuinamente pós-colonialista. Talvez cedo demais para os portugueses, que ainda estavam a tentar digerir os traumas das guerras coloniais. É um romance de reconciliação. Os brasileiros entenderam-no melhor do que os portugueses. Talvez devido às suas próprias circunstâncias históricas.

Sim, disse isso, e isso foi verdade durante muito tempo. Neste poema creio que os dois processos se encontram. Se calhar chegou a altura de me conhecer como outro. Depois de viver tanto tempo, só posso morrer ou recomeçar. Vou morrer daqui a pouco, mas entretanto recomeço. Nada a perder.

Andava há algum tempo muito pelo conhecimento dos 'outros', dando largas à prosa. O que o fez agora virar-se para si?...

Sei lá! Talvez a minha própria alteridade em relação a mim... Quem escrevia sobre os outros e sobre si era sempre o mesmo escritor.

Trazia a poesia "suspensa" e agora regressa com grande fôlego ou na verdade nunca ficou totalmente suspensa?

A poesia é como o pecado original. Fica para sempre.

Começou por escrever poemas: *Romance* é regressar e descobrir de novo?

Claro, é um livro de juventude acumulada... Os primeiros poemas que publiquei foram escritos quando tinha 20 anos. Agora vou fazer quatro vezes 20. Estou a brincar, é claro. Antes fosse.

INFELIZMENTE HÁ OS ESPELHOS...

Há meia dúzia de anos tinha feito uma antologia de 90 Poemas velhos e novos, aqueles que importavam, segundo explicou. Por que os escolheu? Eram os que achei que diziam coisas que só eu teria podido dizer. A grande maioria da poesia que se publica só devia ser consumida em casa, em família, como digestivo depois das refeições.

Refere-se à atual poesia portuguesa?

Não só. Vivemos num tempo difícil para a poesia. O Garrett dizia que era um poeta em anos de

Este é um tempo de expectativas frustradas, de traições consentidas, de compromissos inaceitáveis. De não se dever desistir

prosa. Nós vivemos num tempo de prosa.

A ficção é mais 'indigesta'?

Talvez. E por isso engorda mais. Mas sempre foi assim. O que talvez esteja a acontecer, e que é diferente, é haver uma maior confusão entre quantidade e qualidade. Mas isso tanto em ficção como em poesia. A literatura de qualidade nunca foi muito abundante, como não é agora. Mas sempre vai havendo. Por exemplo na poesia de algumas jovens mulheres, nalguma ficção que não é necessariamente a mais celebrada...

CORPO E ETERNIDADE

Vai agora sair uma antologia da sua poesia escolhida por Paulo José Miranda (PJM): também participou na seleção de *Resta ainda a face*?

Não. Foi ideia, iniciativa e escolha totalmente do Paulo. É a sua leitura dos meus poemas. Uma leitura que os tornou também dele. Como cumpre a um leitor que também é poeta. Uma experiência nova para mim. Não estou habituado a ser lido assim... Mesmo quando leem o que escrevo.

São poemas de amor, sobre a vida, o corpo e a morte, como assinala PJM no posfácio. Essa é a matéria essencial da sua poética?

Excelente posfácio, não acha? Mas repare no significado do termo “posfácio”... Justifica a escolha criativa que ele fez dos meus poemas. Essa matéria – amor, vida, corpo, morte – é portanto a matéria essencial da escolha que ele fez. Mas, por exemplo, o Paulo disse-me que não incluiu uma sequência intitulada “Os Trabalhos de Maria e o Lamento de José”, de que não gostava menos, por constituírem uma matéria diferente da que escolheu. Teria sido outro livro.

Tal como em *Romance*, sublinha-se nesses poemas que somente há vida quando à morte. É a morte que dá sentido à vida?

Ou é a vida que daria sentido à morte, se a morte fizesse algum sentido. Mas a vida, cada vida, é uma ilha de tempo rodeada de morte por todos os lados. É o acidente entre a morte e a morte. Entre o não termos sido e o já não sermos.

Os seus poemas são iluminados de vida, mesmo quando falam da morte: PJM faz notar mesmo que Vida é o substantivo mais repetido, a sua escrita é sempre um canto à vida?

Claro. Vida é só o que há. O que é. Entre a morte e a morte. Mesmo quando se fala do que não há, do que não é, fala-se a partir do que há e do que é.

E é uma poesia que também fala da “mutação” do corpo, do tempo. É essa uma chave de toda a sua obra? Porque o corpo, enquanto duramos, é o que somos. E os corpos vão mudando, até acabarem de morrer, como digo num poema. Mas o grande milagre dos corpos que somos, a terrível maravilha da nossa finitude, é sermos capazes de conceber a eternidade não sendo eternos. Talvez por não sermos eternos. Acho que também digo isso num verso, num poema já antigo. A eternidade cabe em nós mas nós não cabemos nela.

Tem essa temática “continuamente ganho novas qualidades” na sua escrita?
Oxalá. De outro modo estaria a dizer sempre o mesmo. Perda de tempo. Há outras coisas a fazer. Escrever não é obrigatório...

Outra questão fundamental na sua escrita é a da identidade, do conhecimento ou reconhecimento no Outro, do Outro?

E essa questão fundamental, reduzida à sua essência, é o amor. Sem o conhecimento – melhor – sem o reconhecimento do Outro não há amor. E sem amor não há vida, não há identidade própria. Não se saiu da morte de onde se veio e para onde se vai.

Tem escrito mais poesia, além de *Romance*? E outro romance?
Acabei este livro há poucos meses, dê-me tempo! Mas como pensei de início que o que ia escrever era um romance, talvez agora escreva outro que seja mesmo um romance..

DEVER DE NÃO DESISTIR

Falando de tempo: como se sente, à beira dos 80 anos?

Ofendíssimo. Fazerem-me isso a mim!

O seu ‘romance’ regista a passagem do tempo, recordando ‘momentos felizes’ com nostalgia? Ou é dos que apenas celebram o presente?

Não sei se é tanto recordar momentos felizes com nostalgia quanto integrar momentos felizes no que vou sendo. Não sou muito dado a nostalgia. Sinto a falta das pessoas que amei – e que portanto amo – e que morreram. Mas ralho com elas. Digo de novo: fazerem-me isso a mim! Quanto aos que apenas celebram o presente, se calhar é que já estão mortos e ainda não deram por isso.

Que significado tem para si a homenagem que lhe vai ser feita?

Acho que são loucos.

Comoventemente loucos. Sempre me dei bem com loucos...

Quando percorre os dias passados de uma vida académica tão importante, o que sente? E o que imediatamente lembra, que momento particular?
Tive a sorte de começar a vida académica depois de ter andado noutras vidas. E de ter podido continuar nelas.



O grande milagre dos corpos que somos, a terrível maravilha da nossa finitude, é sermos capazes de conceber a eternidade não sendo eternos

Cada vida, é uma ilha de tempo rodeada de morte por todos os lados. É o acidente entre a morte e a morte

Da vida académica lembro a partilha, a troca, a juventude dos alunos, a descoberta conjunta de coisas novas, a cumplicidade, a amizade, o respeito mútuo. A generosidade dos que não esquecem.

E se fixar um olhar retrospectivo particularmente na sua vida literária: que sentimentos, memórias?

Sou novo demais para isso... Ainda está a acontecer. *Work in progress*, como dizem hoje os portugueses.

Em relação à sua vida cívica e política também terá por certo muito para recordar. Que o marcou indelevelmente no seu percurso? As recusas, os riscos, os caminhos escolhidos? Sobretudo as recusas. Ter conseguido dizer não, quando era a altura

própria. Ter partilhado o fim da ditadura em Portugal. Como digo num romance, comentando o rapidamente neutralizado 25 de Abril: “Mas festa é festa, e essa já ninguém me tira.” E tenho muito orgulho em ter trabalhado com a Maria de Lourdes Pintasilgo, no Governo do que poderia ter sido.

Di-lo com desencanto. Foi dececionante a sua passagem pela política ativa?

Não, não é desencanto. Creio que a política ativa é – tem de ser – por definição dececionante.

Vê agora sinais de esperança para Portugal? Como olha de fora o país, neste momento?

É um tempo de expectativas frustradas, de traições consentidas, de compromissos inaceitáveis, de mediocridade resignada. De não se dever desistir, por difícil que seja. E não digo isto como alguém que olha de fora o país, sou tão de dentro como qualquer outro português. A responsabilidade também é minha.

Ao fim de tantos anos, já não é mais um londrino do que um ‘alfacinha’, mesmo sem ser de gema...? Não se sente um estrangeirado?

Londres é a cidade da minha vida adulta, Lisboa a cidade da minha adolescência, África a paisagem da minha infância... Se calhar nasci estrangeirado. Aliás como toda a gente, somos todos estrangeiros, estamos de passagem.

Em Inglaterra, como foram os anos iniciais de ‘exílio’? Também de descoberta em termos culturais?

O meu tempo inicial na Inglaterra foi obviamente difícil, a sobrevivência não era fácil. Mas só foi um tempo de exílio por me terem impedido de voltar a Portugal. O exílio não é onde se está, é a proibição de se estar noutro lugar. O que no entanto não me impediu de me integrar razoavelmente no meio cultural londrino. E, sim, os anos iniciais foram também um tempo de descoberta. Foi quando fiz amizades que perduraram, entre as quais com escritores ingleses. E depois no meio universitário, onde tive parte ativa e alguns cargos diretivos.

Uma ‘vida dupla’ cultural, já que nunca deixou de estar ligado a Portugal?

Não, nunca foi uma vida cultural dupla. Funcionava em inglês, mas afinal penso em português, escrevo os meus livros em português, essa foi a minha opção. Se é que tinha opção de ser quem não sou.

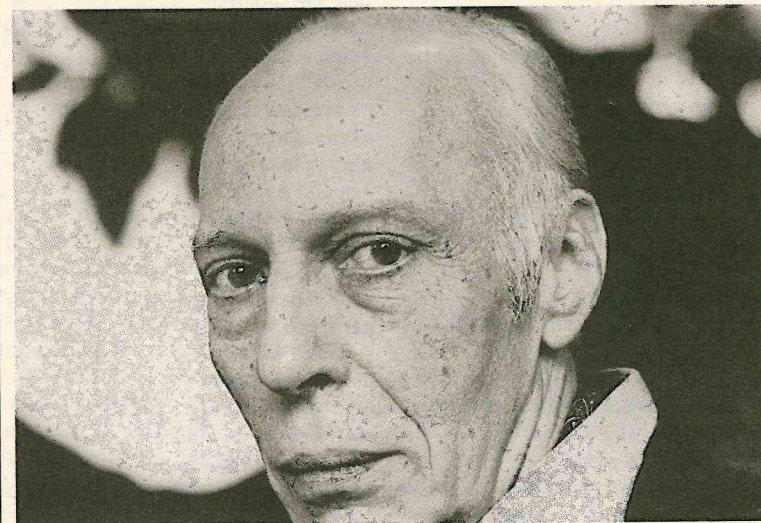
Com uma vida literária e cívica tão intensa, o que lhe faltou ou ainda falta fazer?

Ui, tanta coisa! Se lhe dissesse, esta conversa nunca terminaria...

E será que pode revelar em que desejos vai pensar quando apagar as 80 velas?

Continuar, é claro. Até ver. Ou até já não haver o que ver. Como se tivesse tempo. Como se não houvesse tempo. **JL**

Um criador erudito



Helder Macedo Em Londres, 1964, em foto de João Cutileiro

Maria Irene Ramalho

■ Helder Macedo (HM) é um verdadeiro polímata. Tal foi para nós evidente quando com ele trabalhamos no final da década de 1990. Quando digo “nós” refiro-me ao grupo de especialistas que reuni num painel de avaliadores por incumbência da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com o objetivo de rever os nossos centros de investigação de estudos literários. Tive enorme prazer em convocar um excelente grupo de cinco distintos investigadores internacionais, que me caberia a mim coordenar como o único membro de nacionalidade portuguesa autorizado no painel.

Claro que HM é um cidadão português. Mas não foi difícil convencer as autoridades (a FCT era então presidida por um homem inteligente, o cientista Luís Magalhães, que dependia de outro cientista inteligente, o saudoso ministro da Ciência Mariano Gago) de que HM preenchia os requisitos muito melhor do que qualquer outro “estrangeiro” na sua área: Estudos Portugueses e Brasileiros, da Idade Média ao Século XX. O seu impressionante *curriculum vitae* incluía obras incontornáveis sobre o *Cancioneiro Geral*, Camões, Bernardim Ribeiro, Camilo, Cesário, ou Pessoa. Além disso, vivia na Inglaterra desde há muitos anos e ocupava no prestigioso King’s College da Universidade de Londres a celebrada Cátedra Camões.

Ao Helder juntei a professora de Estudos Ingleses e Americanos, Estudos Culturais e Estudos Feministas, Nancy Armstrong

(então Brown University hoje Duke), a professora de Literatura Comparada, Ziva Ben-Porat (Tel Aviv Center for Poetics), a professora de Estudos Clássicos, Literatura Comparada e Estudos Culturais, Page duBois (University of California San Diego) e o professor de Estudos Alemães e Estudos Culturais, Hugh Ridley (University College Dublin). Todos eles escreveram eloquentes testemunhos de enorme apreço em *A primavera toda para ti*, o volume de homenagem a HM, organizado por Margarida Calafate Ribeiro, Teresa Cristina Cerdeira, Juliet Perkins e Phillip Rothwell, e publicado em 2004, por altura da sua jubilação.

Agora, a propósito da celebração dos seus 80 anos, os meus colegas avaliadores e eu própria vamos recordar (nas suas costas, evidentemente) a nossa riquíssima experiência de trabalho para a FCT com o homenageado. Voltámos a lembrar a sua aguda inteligência, a sua imensa erudição, o seu entusiasmo e generosidade intelectuais, as suas cativantes narrativas sobre o seu complexo trajeto de vida de resistente e emigrante político, e sobre a sua criatividade poética e o seu trabalho académico, onde sempre sobressaía a sua paixão por Camões. Nenhum de nós deixará de referir de novo o seu cosmopolitismo, o seu *savoir vivre*, o seu bom gosto, tanto como apreciador de arte como requintado *gourmet*, a sua extrema elegância e impecável estilo.

Ziva não se cansa de admirar o imenso âmbito do seu saber. Hugh insiste que só temos de consultar o *google* quando não temos o HM por perto. Page, que é autora de um livro sobre poesia épica de Homero

a Spenser, nunca esquecerá o que aprendeu sobre *Os Lusíadas* pela boca do scholar mais elegante que jamais conheceu. Para Nancy, Helder é um modelo de como ela gostará de pensar quando for grande; além disso, considera-se hoje uma respeitável conhecedora de vinho do Porto, proeza que diz dever-lhe.

O processo de avaliação beneficiou imenso da sabedoria e experiência de HM, da sua equanimidade e imparcialidade intelectuais, dos seus dotes diplomáticos, da sua gentil maneira de ser, do seu sentido de humor salpicado de ironia. Como equipa, deixámo-nos seduzir pela “simplicidade do [seu] muito saber” (para parafrasear Helder sobre Bernardim Ribeiro), sem negar o regalo que era, depois de um dia de trabalho árduo e delicado, sentarmo-nos com um copo de Planalto bem fresco na mão e conversar com ele sobre literatura, arte, música, política, bem como sobre os momentos tanto luminosos como sombrios da tradição ocidental. Eu, para vergonha minha, não gosto de vinho do Porto, mas lembro-me do dia em que o Helder ensinou os



A sua aguda inteligência, a sua imensa erudição, o seu entusiasmo e generosidade intelectuais, a sua criatividade poética e o seu trabalho académico, onde sempre sobressaía a sua paixão por Camões

membros da equipa ainda ignorantes a beber um calicezinho no fim do jantar. O que quero dizer é que mesmo sem se saber muito da sua brilhante carreira académica como professor e ensaísta, do medieval e renascentista ao contemporâneo, do seu êxito como poeta e romancista, ou do seu corajoso percurso de vida, quem acaba de conhecer HM e com ele conversa um pouco imediatamente sente que está perante alguém verdadeiramente excecional.

A Nancy, a Ziva, a Page e o Hugh, viriam a ter uma ideia mais precisa da personalidade multifacetada de HM e do impacto das suas realizações mais marcantes, ao receber esse livro em sua homenagem em que também marcaram presença – *A primavera toda para ti*. O livro abre com o belíssimo poema de amor do Helder da década de 1960 que lhe empresta o título: “Estou a ver que não tenho outro

remédio/ senão escrever-te madrigais” (1966). Num volume de mais de 400 páginas, para além de cerca de 50 expressivos testemunhos de admiradores de vários quadrantes, podem ler-se ensaios de outros tantos especialistas abordando diferentes aspetos da sua vasta obra ou assuntos que com ela se relacionam, desde a Idade Média até ao século XXI.

Antes, porém, respondem à chamada com originais seus os artistas com quem o Helder sempre conviveu, pintores e poetas que o ensinaram também a ver a poesia. Belíssimos contributos todos eles, mas, pelo que julgo entender da sua relação com a imaginação criadora do HM, não resisto a destacar a arte de João Vieira (“Retrato de Helder Macedo”) e Bartolomeu Cid dos Santos (“Partes de África”) e o poema de Maria Teresa Horta (“Canela de mão”).

Entretanto, já a escrita criativa de Helder Macedo tinha sido consagrada num livro publicado no Brasil por iniciativa de Teresa Cristina Cerdeira – *A experiência das fronteiras. Leituras da obra de Helder Macedo* (2002). Não por acaso privilegia este abarçante volume brasileiro a ficção, com largo destaque para *Partes de África*.

Como reponsável máxima pelos Encontros Internacionais de Poetas de Coimbra (1992-2010), guardo carinhosamente na memória a presença com que um homem tão ocupado e solicitado como ele aceitou honrar o Terceiro (1998). Ele e Suzette Macedo, que generosamente colaborou numa mesa redonda sobre tradução. Dois poemas seus foram mais tarde publicados, acompanhados de belíssimas traduções de Suzette Macedo, em *Poesia do mundo 3* (2001): “O laranjal coberto de limões” e “Fui ver e era mesmo uma raposa”, ambos de *Viagem de inverno* (1994). Aqui deixo, a rematar, o segundo deles:

Fui ver e era mesmo uma raposa como a outra que atravessou a estrada aguardando deitada na varanda onde o gato capado dorme os dias indiferente à vida libertária em bocejos de carnes enlatadas.

Se a raposa chamava tinha de ir dei ao gato a ração obrigatória e a varanda era a selva a rua o mar a raposa vermelha um autocarro dos que não chegam nunca ou já passaram e exigem sempre o pagamento exacto.

Donde parece que a moral da história ficou suspensa entre raposa e gato num protesto aos transportes colectivos quando afinal a rua extravasou a selva é sem regresso e sem saída e todo o viajante é solitário.

Outubro de 2015

Excelência múltipla



Helder Macedo *Partes de África* inaugurou outra forma de revisitar o nosso passado fantasmático

Margarida Calafate Ribeiro

■ O meu primeiro contato com a obra de Helder Macedo (HM) ocorreu como estudante às voltas com os poemas de Cesário Verde. As suas leituras do poeta impressionaram-me, não só pela perspicácia da análise, mas também pela maneira fascinante como o ensaio estava escrito. Mais tarde, li os seus estudos sobre os cancioneiros medievais, Fernão Lopes, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Camões, Garrett e o Romantismo, Eça de Queirós, Machado de Assis. Em todos uma luminosidade de pensamento, uma clareza de expressão, uma elegância de escrita que encantava.

Como ensaísta, HM insere-se ou dá continuidade à geração mais velha, de Luís de Sousa Rebelo, Jorge de Sena, Maria de Lourdes Belchior, Eduardo Lourenço,

entre outros, que a partir das academias estrangeiras onde se encontravam releram o cânone da literatura portuguesa e provocaram uma desestabilização do mar manso da crítica universitária dos estudos portugueses medievais, renascentistas e modernos das academias portuguesas de então. E, de facto, ainda hoje estas leituras afirmam uma diferença crítica cultural dentro da crítica universitária portuguesa. Basta lermos *Trinta Leituras* (2007), onde HM reúne um conjunto de ensaios do Romantismo ao contemporâneo ou o ensaio de grande fôlego sobre o Renascimento, de HM e Fernando Gil, *Viagens do Olhar: Retrospeção, Visão e Profecia no Renascimento Português* (1998), para ver o fulgor desta voz crítica, que sempre se entrecruza na fição do escritor Helder Macedo.

Quando, por circunstâncias da vida, me encontrei frente

ao poeta, crítico, romancista e ao professor, como estudante de doutoramento no King's College, em Londres, HM tinha continuado a publicar os seus ensaios, o romance *Partes de África*, *Pedro e Paula* estava a caminho, e a sua poesia tinha extravasado a “corrente sem margens da criatividade poética”, de que falava o crítico de Cesário Verde, e assumido os tons sombrios de uma *Viagem de Inverno*, em que o poeta se declarava dantenianamente “A meio do caminho/ a mais de meia vida já vivida”, num jeito de balanço incompleto perante a incompletude da vida.

Mas eu estava também em frente de um homem politicamente comprometido, que nos anos da ditadura teve envolvimento que o levaram a partir para o exílio em Londres. Camonianamente, o poeta, o crítico e o romancista era alguém que se dedicava a revelar-nos como o amor era a via de conhecimento por excelência e a única forma de “dar entendimento às cousas que o não tinham”. Pensei então como pedir-lhe que me orientasse numa tese em que eu queria falar de guerra – um estado assumidamente de desumanidade e de desamor – no caso presente, da grande tragédia da nossa contemporaneidade que foi a Guerra Colonial transposta para essa literatura de perda, esvaziamento e ressentimento que é a literatura da Guerra Colonial.

O tema provocou-o e depois passámos anos falando de tudo e também um pouco da literatura da guerra. É claro que o nosso ponto de encontro, não declarado, era *Partes de África*, pelos temas de África e de Portugal e por aquela relação de amor entre pai e filho, nunca nomeada como tal, e só negociável e então assim nomeada, numa conversa alémtúmulo, como aquela que Portugal iniciou com África, após a sua violenta perda anunciada.

Percebi também que a chave para entrada no livro, como aliás na minha própria tese, seria Camões. Vi, claramente visto, nos ensaios que HM escreveu e nas minhas privilegiadas lições privadas, que Camões tinha falado mais de dúvida do que de certeza, mais de rutura do que de continuidade, mais de desarmonia do que de harmonia, mais de multiplicidade do que de unidade, mais de fragmentação do que da totalidade desejada, mais da deambulação e do encontro, que constituem o impulso inicial dos Descobrimentos, do que

da conquista e da colonização, de que resultam os impérios, revelando-me um Camões mais homem, mais humanista, mais moderno na sua errância, tão humanamente imperfeita. Foi nesta “poética de verdade” de *Os Lusíadas* que percebi que foi o amor de Tétis por Vasco da Gama, na sua mais livre expressão de oferta e dádiva – “aqui te dou/ Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas/ Por onde vás e irás e o que desejas” – e não a conquista, que fez do mar português o mar de *Os Lusíadas* para que para sempre nos interrogasse.

Em 1991, *Partes de África* saía no mercado português como um livro que vinha de nenhures. Habitados a lidar mal com o nosso recente passado colonial, o romance inaugurava outra forma de revisitar esse passado fantasmático, assumindo-o como real na memória dos seus sobreviventes, mas como passado. Primeiro a estranheza do título. Por que razão havia o autor invertido a ordem habitual? Porque não seria *Partes de Portugal*, como África



Muito amor, muita generosidade. E a excelência, o académico, as escritas, a partilha e a capacidade de nos interrogar sempre

tinha sido, durante tanto tempo, no imaginário coletivo português? Desde o título, este texto de “fronteiras ausentes” num sentido temático e formal, inquietava, parecia “inclassificável”, como dizia Garrett, não sem alguma vaidade, das suas *Viagens na Minha Terra*, que de facto conservam um lugar à parte no nosso Romantismo. *Partes de África*, quer pela densidade de significado, quer pela estrutura, quer ainda pela diferente e inovadora perspetiva da memória da relação entre África e Portugal, introduz uma significativa diferença.

Na visão do filho a história dos impérios é, como mais tarde diz o narrador de *Vícios e Virtudes*, uma “história feita só de violências”, a que nem mesmo um pai moralmente correto pode sobreviver incólume. É uma história, ainda por contar a duas vozes, que narra o Outro como inferior para se justificar a si própria e, portanto, e por mais lusotropicalismos reparadores ou branqueamentos, uma história que nunca poderia ser de amor. Como questiona o narrador de *Vícios e Virtudes*: “Como é que tu julgas

que se constroem os impérios? Com punhetas saudosistas?”. E um pouco adiante, serão estes os “restos do passado de que ainda temos de nos libertar?”, pergunta ainda o narrador.

No final de *Partes de África* o filho fica com os restos – “o que sobrou de ti” – olhando as ruínas do edifício colonial que o pai construiu com leis, sem acreditar nos homens, e portanto talvez sem acreditar no edifício que ele próprio construiu, e com o vazio de uma história só possível de contar fragmentariamente ou que afinal ficou por contar, pela própria impossibilidade de a contar em termos de uma narrativa familiar ou nacional paradigmática. Por isso, todos os objetos voltam ao seu lugar. Enquanto deram voz a uma presença considerada legítima, tinham a existência física, corporal, da civilização que o pai acionava, pelo trabalho e pelo cumprimento da lei. Hoje, no momento em que o filho os olha, resta-lhes a forma, como às ruínas, pois a sua função esvaziou-se no tempo.

O narrador de *Partes de África* recusa a errância melancólica entre “purgatórios sombrios”, da mesma forma que recusa o nomadismo amnésico entre as ruínas e os fantasmas do império, preferindo antes olhá-los como espaços privilegiados de questionamento entre o perdido e o não-acabado. As suas obras seguintes, extremamente variadas na forma, no conteúdo, nas temporalidades que aborda, mantém contudo essa característica fundamental: interrogam-nos como indivíduos e como membros de uma comunidade chamada Portugal e Europa, particularmente no último romance *Tão longo amor, tão curta a vida*.

Gosto muito de hoje poder chamar o Helder para vir com os meus alunos para que possam partilhar da solidez, do humanismo e do encantamento que foi a minha formação com ele e que constitui hoje, para mim, uma relação única e fundamental, no sentido etimológico do termo. Gosto muito de observar como os seduz e como, generosamente, aproveitando tudo o que dizem, lhes transmite ideias e conhecimentos magníficos como se eles próprios tivessem lá chegado. Muito amor, muita generosidade. Hoje, neste ato comemorativo que dedicamos a Helder Macedo, é tudo isso que celebramos: a excelência, o académico, as escritas, a partilha e a capacidade de nos interrogar sempre. JL

Margarida Calafate Ribeiro é investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra e co-titular da “Cátedra Eduardo Lourenço” da Universidade de Bolonha

Phillip Rothwell

Uma obra humanista, uma figura inspiradora

◀ A homenagem a Helder Macedo, no próximo dia 28, dois dias antes de completar os 80 anos, na Universidade de Oxford (e que decorre no Instituto Taylor), patrocinada pelo Centro de Investigação Europeia de Ciências Humanas, da Faculdade de Línguas Medievais e Modernas daquela muito antiga e prestigiosa Escola, tem como principal organizador Phillip Rothwell, titular da cátedra D. João II de Estudos Portugueses. Especialista em literaturas de língua portuguesa (um dos seus livros é sobre a obra de Mia Couto), Rothwell tem ensinado ainda em outras universidades e traduzido diversos autores do nosso idioma – sendo a sua última tradução a de *Partes de África*, a lançar também a 28. Ouvimo-lo sobre a homenagem, mas também sobre os diversos aspetos da obra e da ação de Helder Macedo, que muito bem conhece.

Jornal de Letras: O que vai ser a homenagem a Helder Macedo?
Phillip Rothwell: Pretendemos celebrar a sua vida e o seu trabalho académico e cultural, e fazer-lhe uma grande festa, por ocasião dos seus 80 anos. Será um dia (28 próximo) preenchido por um colóquio, lançamento de livros, uma receção e um jantar. No colóquio, aberto ao público, haverá intervenções de profs. do Reino Unido, de Portugal, do Brasil e dos EUA. Tematicamente abrangerá não só o trabalho académico de Helder Macedo (HM), mas também a sua atividade como ficcionista, poeta e homem de cultura com intervenção pública, tanto em Portugal como no Reino Unido e no mundo de língua portuguesa. Estarão presentes, designadamente, o embaixador de Portugal em Londres, João de Vallera, e Roberto Vecchi, atual presidente da Associação Internacional de Lusitanistas. No final serão lançados três livros de HM: o seu novo livro de poesia, *Romance*, a antologia preparada por João Paulo Miranda, e a tradução inglesa [do nosso entrevistado] de *Partes de África*.

O que o levou a promover esta iniciativa?

A Universidade de Oxford tem muito orgulho na sua longa

tradição de estudos em ciências humanas, onde estão integrados os estudos portugueses. O prof. Helder Macedo é uma das figuras mais marcantes no campo das humanidades, cujos ensaios, ficção e poesia são objeto de estudo para estudantes e docentes de Oxford. No ano letivo passado ele esteve na nossa universidade proferindo conferências sobre Bernardim Ribeiro, que conquistaram e inspiraram uma nova geração de jovens estudantes para o estudo do Renascimento Português.

Um dos motivos desta iniciativa é também celebrar o intelectual carismático que HM representa para todos nós, refletido, ainda hoje, no impacto dos seus ensaios, conferências e outras atividades. Trata-se de uma figura inspiradora,



Phillip Rothwell



O seu grande legado é a capacidade de comunicar uma mensagem profundamente humanista, através de diferentes canais – o literário, o intelectual, o pedagógico, o político – e de uma forma que nunca encerra a discussão, mostrando-nos antes as diferentes camadas de complexidade do que significa o ser humano

que conjuga uma considerável amplitude e profundidade de pensamento com uma imensa capacidade de ver as sinergias e as dissonâncias dentro da cultura portuguesa e muito para além dela. Mais: um intelectual multifacetado que transmite a sua sensibilidade cultural ao nível académico, poético e ficcional, o que, no contacto com os seus pares e alunos, se transforma numa admirável generosidade intelectual, a partir da qual podemos repensar as culturas do mundo de língua portuguesa.

E o que representa HM em Inglaterra? Qual o seu legado aí e na cultura portuguesa?

Durante muito anos – juntamente com o meu predecessor, prof. Tom Earle e com o prof. Clive Willis, da Un. de Manchester – HM foi a força motriz que levou à expansão de Estudos Portugueses no Reino Unido. Foi ele que fundou a revista *Portuguese Studies*, uma revista académica premiada e que se tornou uma referência para a publicação, em língua inglesa, de estudos académicos sobre as culturas de língua portuguesa. Além disso foi presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, convertendo esta associação na mais importante plataforma de estudos da área. E também supervisor de doutoramento de alguns nomes internacionalmente destacados nos estudos portugueses, como Juliet Perkins e Margarida Calafate Ribeiro entre outros.

Sendo sempre o primeiro a apontar os que os antecederam, com particular relevo para Luís de Sousa Rebelo, na sua própria formação intelectual. Para a minha geração, o prof. Macedo é um ponto de referência, um dos académicos que mudou a forma de escrita académica sobre a cultura portuguesa. A novidade e sofisticação das suas análises fazem-nos voltar aos textos de que fala, numa revisitação sempre renovada. Isto, para um estudioso de literatura, constitui uma realização suprema.

Mas a 'lição' de Helder estende-se a diversos outros campos, não é?

Claro, ele também nos ensinou que para desafiar a ordem intelectual e politicamente estabelecida temos de primeiro



Secretário de Estado da Cultura Ao tomar posse, no governo de Maria de Lourdes Pintasilgo (à esqª vê-se o então Presidente da República, Ramalho Eanes)

entender quanto de nós próprios emerge dessa mesma ordem e verificar se aquilo que pensamos é de facto assim tão distinto e o que afinal define a nossa identidade. Em HM esta é uma preocupação que se cruza nos seus vários campos de atuação: como académico, como político e como ficcionista, através das suas personagens. Penso que esta percepção lhe advém da sua experiência como filho de um culto administrador colonial. Está bem presente nos seus romances *Partes de África*, *Sem Nome* e, em particular em *Tão Longo Amor*, *Tão Curta a Vida*.

Mas este é também um elemento fundamental no seu entendimento de Bernadim Ribeiro, Cesário Verde, Camões e Almeida Garrett, entre outros. O seu grande legado é ter tido a capacidade de comunicar esta mensagem, profundamente humanista, através de diferentes canais – o literário, o intelectual, o pedagógico, o político – de uma forma que nunca encerra a discussão, mostrando-nos antes as diferentes camadas de complexidade do que significa o ser humano. E, sempre, com extrema simplicidade.

Como vê então o académico, o ensaísta, o ficcionista, o poeta?

O meu primeiro contato com ele foi através da sua poesia – de *Viagem de Inverno* (1994) – poesia de nos toca muito, intimamente, profundamente. Pelo contrário a sua prosa está repleta da vida dos outros e estrutura-se sobre a diferença entre as pessoas. *Tão Longo Amor*, *Tão Curta a Vida* torna isto bem claro uma vez que coloca em questão a identidade portuguesa através de transposições e traduções muito subtis, continuando e desenvolvendo a sua demanda ficcional e ativando a herança literária que se desenha desde *Partes de África*, e depois *Pedro e Paula*.

Penso que HM é um dos académicos mais interessantes que emergem na segunda metade do século XX com as suas reflexões sobre o que significa ser português. Ao lado das análises sociológicas de Boaventura de Sousa Santos e das reflexões filosóficas de Eduardo Lourenço, as originalíssimas leituras que Helder nos oferece da literatura portuguesa constituem *snapshots* cruciais sobre um período de grande mudança na história de

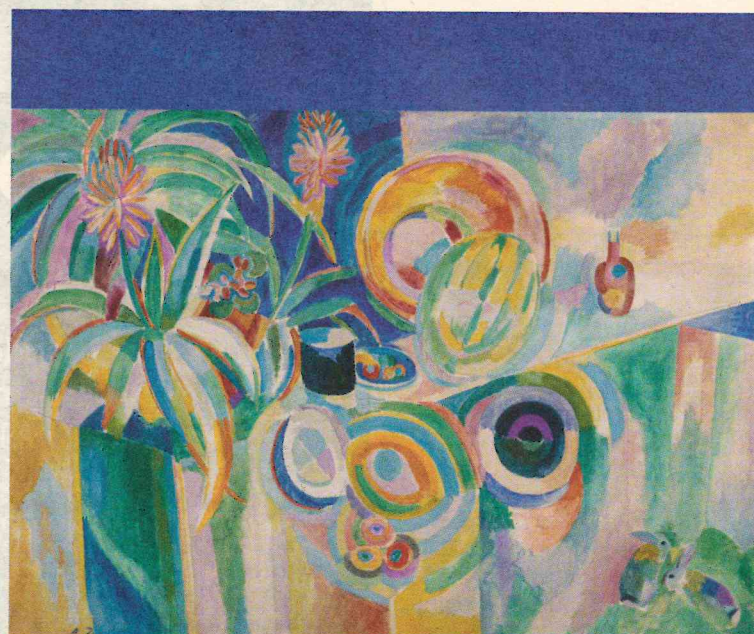
Portugal. Mesmo quando está a falar sobre as Cantigas e o período medieval, está seguramente também comunicando algo sobre o Portugal que lhe é contemporâneo, e mostrando como textos medievais são essenciais para a compreensão do que somos hoje, agora. Por isso, este é um trabalho crítico que resistirá ao tempo.

E entende que a sua formação académica influencia o seu trabalho literário?

Influencia muito. O que é quase de imediato visível nas múltiplas ressonâncias dos seus autores favoritos que entram nos seus textos ficcionais. Mas há algo de muito mais profundo e subtil, porque como HM é um mestre da forma parece que essas ressonâncias não são bem ressonâncias, mas o som próprio dos seus textos. E é isso que faz a grande literatura. O académico luso-americano George Monteiro diz que a definição de literatura é algo que vale a pena ler mais do que uma vez. A ficção de Helder ultrapassa, finta e extravasa este teste, pois a cada leitura dos seus textos a nossa leitura cresce, modifica-nos, reinterroga-nos. A literatura oferece-lhe o acesso à vida dos outros, e ele, por sua vez, devolve-nos isso como leitores.

Traduziu agora *Partes de África*, que vai ser lançado na homenagem do dia 28. Porquê a escolha desse livro para um público de língua inglesa?

Partes de África foi um dos primeiros romances verdadeiramente pós-colonial a surgir na literatura portuguesa. Lida com o legado colonial português como um passado que informa o presente, mas que não pode ditar o futuro. E sugere que a única maneira de nos libertarmos desse passado é traçar o caminho de reconciliação com ele, entendendo que todos nós dele emergimos. Somos um produto desse passado. Isto implica não cair na fácil armadilha de desresponsabilizar os atores das suas ações. As personagens de HM fazem escolhas. Mas são escolhas contextualizadas, nascidas da evolução das circunstâncias. O interesse deste romance para um público de língua inglesa – para além de todo o cativante enredo e de um olhar narrativo em constante evolução, que capta a perda da inocência de uma criança, a revolta de um adolescente, a realização de um homem de meia-idade em processo de luto pelo seu pai – reside na forma de retratar os últimos dias de um longo regime colonial. A transposição que faz desta história para uma interpretação do Don Giovanni de Mozart é um grande feito literário. JL



O Círculo Delaunay

The Delaunay Circle

CENTRO DE ARTE MODERNA GULBENKIAN

Sonia Delaunay

Robert Delaunay

Eduardo Viana

Amadeo de Souza-Cardoso

José de Almada Negreiros

Samuel Halpert

Até | until 22.02.2016

4ª a 2ª feira 10h00 - 18h00

Wednesday to Monday from 10am to 6pm

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.cam.gulbenkian.pt

Av. de Berna 45A,
1067 - 001 Lisboa
www.gulbenkian.pt

MECENAS/SPONSOR
CREDIT SUISSE